

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA

JANETE ANTONIA VICENTE

O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL SOBRE OS ASPECTOS DA
CONTEMPORANEIDADE

ANÁPOLIS – GO

2019

JANETE ANTONIA VICENTE

O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL SOBRE OS ASPECTOS DA
CONTEMPORANEIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do Título de Especialista em Docência Universitária, sob a orientação da prof^a. Esp. Hariane Jackeline Rodrigues Silva

ANÁPOLIS – GO

2019

JANETE ANTONIA VICENTE

O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL SOBRE OS ASPECTOS DA
CONTEMPORANEIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do Título de Especialista em Docência Universitária, sob a orientação da prof^a. Esp. Hariane Jackeline Rodrigues Silva

Data da aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

PROF^a. ESP. HARIANE JACKELINE RODRIGUES SILVA

ORIENTADORA

PROF^a. ESP. ARACELLY R. LOURES RANGEL

CONVIDADA

PROF^o. ME RAFAEL DE ALMEIDA MOTA

CONVIDADO

O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL SOBRE OS ASPECTOS DA
CONTEMPORANEIDADE

HIGHER EDUCATION IN BRAZIL ON CONTEMPORARY ASPECTS

Janete Antonia Vicente¹

Hariane Jackeline Rodrigues Silva²

RESUMO:

O artigo pretende discutir a formação do ensino superior no Brasil e os aspectos da sua contemporaneidade. O objetivo é indicar que na entrada das instituições privadas houve a adequação das universidades e da IESs no processo de imediatismo instalado no ensino superior em tempos atuais, sobre o comando do capitalismo. Pois as instituições de ensino superior passam a ser controlada pelo mercado. Foi colocado em evidência a função e o sentido da universidade tendo como instrumento de análise as leituras e reflexões sobre o conceito e função da universidade pública de Franklin Leopoldo e Silva. Dessa forma, identificar os pontos e contrapontos na educação superior contemporânea, Ao que conclui-se ser a educação contemporânea um ideal utópico a ser refletido.

Palavra-Chave: Ensino Superior Privado. Universidade. Educação. Filosofia.

Abstract:

The article intends to discuss the formation of higher education in Brazil and the aspects of its contemporaneity. The aim is to indicate that at the entrance of private institutions there was the adequacy of universities and HEIs in the process of immediacy installed in higher education in current times, under the command of capitalism. For higher education institutions are now controlled by the market. We highlight the function and meaning of the university, having as its analysis instrument the readings and reflections on the concept and function of the public university of Franklin Leopoldo e Silva. Thus, identify the points and counterpoints in contemporary higher education, which we conclude that contemporary education is a utopian ideal to be reflected.

KeyWords: Private Higher Education. University. Education. Philosophy.

¹ Bacharela em Filosofia pela Universidade Federal de Mato Grosso e Professora da Rede Estadual de Goiás. Email. janetevgois@hotmail.com

² Professora orientadora; MBA em Gestão de Saúde; Especialista em docência Universitária. Email: professorahariane@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O Ensino Superior no Brasil sobre os aspectos da contemporaneidade, os caminhos organizacionais principalmente no que se refere ao ensino Superior no Brasil tanto na esfera pública ou privado e a adequação desses sobre os aspectos do desenvolvimento do país, que passam a ser democratizados sobre a autonomia do progresso, nos revela um importante fator do ensino-aprendizagem instalado no atual panorama das IESs no Brasil.

Temos como objetivo, encontrar a função e o sentido da prática da educação contemporânea, levando em consideração os pontos e contrapontos das ideologias progressistas de um país emergente. Nessa perspectiva, perguntamos: onde se separa a legitimidade do ensino como, por exemplo, a prioridade da pesquisa, do ensino-aprendizagem (habilidades) constatada nos dias atuais

Através de pesquisas bibliográficas, leituras analíticas de revistas e livros relacionados com o contexto acima, educação, progresso e imediatismo, fomos também, buscar na história, fatos que nos elucidam a compreensão das concepções adotadas nas Instituições de Ensino superior no Brasil na contemporaneidade. Através de análise e pesquisa para evidenciarmos sobre os fatos atuais.

O perfil contemporâneo das IESs públicas e privadas tem cumprido seu papel diante as inovações propostas pelo progresso, mas, desmistificando o ensino por excelência. Ao qual, poderíamos identificar como prioridade de pesquisa, conhecimento e reconhecendo a “democratização” como direito universal de educação para todos. Ao contrário, instalam-se a autonomia do pragmatismo adaptada as necessidades do progresso.

No primeiro momento do artigo, falamos sobre a democratização das IESs no Brasil, colocando em relevância fatos históricos a partir da década de 1970 até os dias atuais. A necessidade de formação de mão-de-obra para atender as emergências do progresso, a democratização sobre os aspectos do imediatismo mercantilista, a inserção social sobre os domínios capitalistas, a educação sobre a idealização neoliberal.

Em seguida, apresentamos o crescimento das Instituições de Ensino Superior no Brasil como segmento industrial e como consequência as limitações do Estado em relação às políticas públicas educacionais. Originando o enfraquecimento das instituições públicas e incentivando a formação técnica e o fortalecimento da lógica da produtividade inserido em nossas Instituições de Ensino Superior.

No terceiro momento, colocamos em relevância o panorama atual da universidade brasileira. Considerando os aspectos do progresso, evidenciamos os fatores externos assumindo a função de ensinar na universidade. A universidade como uma expansão do progresso industrial, que, tem como objetivo o imediatismo como característica fundamental para um país emergente.

Enfim, pretendemos colocar em relevância, a proposta da educação aos moldes contemporâneos e os contrapontos da função de educação. Para isso, buscamos nos conceitos da filosofia, a função da educação deixada pelos gregos. Como também uma analogia feita por filósofos contemporâneos sobre a educação infantil, na tentativa de um entendimento da pluralidade de condutas assumidas pelo tempo em nossas universidades.

2 DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO E PRIVATIZAÇÕES DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

Para analisarmos esse conceito de democratização, sob o contexto atual, não seria possível uma dedução, sem buscar na história do Brasil, informações necessárias, sobre a formação dessas instituições superiores. Assim, para completar essa lacuna e entender o atual panorama das IESs no Brasil e sua responsabilidade e contribuição para com o indivíduo e a sociedade, buscamos referências históricas a partir da década de 1970. São condições necessárias para esse entendimento de democratização, que tem como princípio o meio envolvente na inserção do conhecimento, cultura, ética, e que torna possível uma autonomia pessoal e profissional para todos. É a formação de uma consciência social que terá seu reflexo em atitudes profissionais e éticas perante a sociedade.

A construção das instituições de ensino superior no Brasil, a partir da década de 70, ao que consta Sobrinho, (2000, apud ARANTES, 2006, p.8), condiz com a aceleração da indústria brasileira a partir desta década e o aumento significativo no setor de serviços que fez muitos empresários do setor educacional a passarem a investir nas IESs, pois o Brasil não dispunha de capacitação humana para essa expansão econômica. Ou seja, uma visão utilitária do progresso em relação ao ensino. Nesse contexto, segundo Savani (1999, apud ARANTES, 2006, p. 8), a educação passa a ser inserida pelos interesses capitalistas, mas, que já havia sido regulamentada por lei com a primeira Lei de diretrizes e Bases, Lei nº 4024/61, que estabelece que tanto o setor público quanto o privado tenha direito de ministrar o ensino no Brasil, em todos os níveis. Assim, segundo Arantes, “a educação brasileira fica inserida dentro de parâmetros técnicos e econômicos das organizações administrativas das grandes empresas multinacionais”. (ARANTES. 2006, p.8). A educação superior estaria sendo democratizada sob o domínio utilitarista capitalista dentro das necessidades emergentes do país.

Essa característica da educação contemporânea trata-se de uma realidade social de um país emergente, adaptada as necessidades das instituições superiores de adequar seus alunos ao mercado de trabalho, o tecnicismo ao progresso que, sobre esse aspecto, enfatiza Palácios e Lopes que na “democratização do ensino, existe a contraposição à democratização da política educacional, na medida em que o governo instala a massificação do ensino”. (PALACIOS E SILVA; 2017, p, 2). Em outro aspecto, entendemos que, houve uma redução de investimentos do Estado na participação do setor público, acentuando o interesse pelo setor privado. No decorrer da década de 70, a característica da educação seria de capital humano, assim afirma Arantes, que “acreditava a educação o poder quase mágico de favorecer o desenvolvimento das nações e a ascensão social dos indivíduos”. (ARANTES. 2006, p. 8). Esse seria o desafio da democratização em vista ao progresso, a ampliação ao acesso ao ensino superior no setor privado, para inserção do aluno ao mercado de trabalho.

Essa característica da educação superior moldada às indústrias está inserida nos ideais neoliberais. Passa a educação a ser integrada ao mercado empresarial que, embora sua ideologia nasça na década de 40, passa a ser evidenciada nos anos de 1980. Nessa ideologia neoliberal, segundo Arantes, a educação passa a ser específica, uma de suas especificações é a “incorporação e adequação do ensino a competitividade do mercado internacional”, (ARANTES. 2006 p.9). Essa nova fase é uma reestruturação capitalista marcado por políticas, de privatização da esfera pública.

Todavia, esse novo paradigma da educação brasileira, fica inserido dentro de parâmetros técnicos e econômicos das organizações administrativas das grandes empresas multinacionais. Ou seja, a educação superior estaria sendo democratizada aos moldes taylorista-fordista, onde consiste na separação de uma educação formativa com excelência aos ensinamentos técnicos adaptados ao progresso. Nesse aspecto, enfatiza Arendt, em sua obra *Entre o Passado e o Futuro*, que aos moldes do taylorista-fordista, o que rege sobre a educação é a influência do pragmatismo. “Só é possível aprender aquilo que nós mesmos fazemos. Sua aplicação a educação é tão primária quanto óbvia: consiste em substituir na medida do possível, o aprendizado pelo fazer” (ARENDR. 1979 p.232). Seria uma possibilidade de contribuir com o desenvolvimento de uma sociedade, a integração do indivíduo ao progresso, mas, excluindo a educação de qualidade para todos, como o mesmo direito de democratização universal do ensino superior de qualidade, como atuação das desigualdades sociais.

Nesse contexto, a iniciativa privada deu-se primeiramente por meio de uma ampliação das atividades que os empresários da educação já exerciam na esfera do ensino básico. O objetivo era segundo Arantes, (2006), trazer a eficiência empresarial já comprovada no ensino básico, para o ensino superior e a superioridade organizacional da empresa particular em relação à instituição pública. (ARANTES; 2006). Nesse seguimento empresarial, limita-se a ação do Estado em relação às políticas públicas educacionais, e caminham em direção ao mercantilismo educacional no Brasil com expansões neoliberais direcionadas as IESs. Ao que constam Palácios e Lopes (2017), que são iniciadas com Fernando Collor de Mello quando iniciou sua gestão em 1989 e reorganizadas por Itamar Franco. E após 1994, efetivada por Fernando Henrique Cardoso, que teria como justificativa a “modernização do país e sua participação entre os países de primeiro mundo” (PALACIOS E LOPES; 2017). Assim sendo, as universidades públicas, foram ficando as margens do interesse público, não havia projeto para as universidades brasileiras, aumentando o crescimento da rede privada. Segundo Arantes (2006), De 1994 a 2000, o crescimento das instituições privadas do ensino superior no Brasil, torna-se um importante setor econômico e com grande poder de intervenção nas políticas públicas. (ARANTES; 2006). Nesse contexto, o Brasil tem o maior número de estudantes de nível superior em instituições privadas.

Entende-se dessa forma que, o padrão neoliberal afetou a educação e direcionou-a para interesses do capital. Palácios E Lopes (2017) enfatizam que, entre 1994 a 2002, o governo de Fernando Henrique Cardoso, adota programas e projetos na tentativa de reverter o sistema deficitário de educação. Porém, com o mínimo de investimento público. Assim, adotam parceria entre o público e o privado, criando programas emergenciais as determinações dos organismos internacionais. (PALACIOS E LOPES; 2018). Dando origem na formação produtiva da educação técnica de uma sociedade emergente.

Nesse contexto, há o fortalecimento da lógica da produtividade do sistema mercantilista, eficácia, excelência e eficiência, que segundo Palácios e Lopes, são para “fortalecimentos empresariais que são conceitos importados das teorias administrativas para as teorias pedagógicas”. (PALACIOS E LOPES; 20018 p. 5). Essas questões também são orientadas pelo FMI (FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL), que tem como objetivo geral das metas do capital financeiro.

Com o incentivo do setor público para com o privado, a expansão de instituições de ensino superior privado no Brasil cresceu acirradamente e resulta no perfil assumido pelas instituições do ensino superior no Brasil contemporâneo, ao

qual, enfatiza Arantes, que “desvincula o compromisso do governo de incentivar as universidades públicas, com gastos de estrutura, gestão e pesquisa que é um dos fatores primordiais das instituições de ensino superior”. (ARANTES. 2006, p.10). Tirando dessa forma, a autonomia das universidades públicas.

. Dessa forma, ao conduzir a educação superior pelas vias mercantilistas, de preferência pelo setor privado, torna-se evidente o enfraquecimento das instituições públicas, por falta de incentivos como: verbas, apoios as pesquisas, formação de docentes capacitados para promover a dinâmica da educação e outros fins propostos para uma educação de excelência. Ou seja, diante da Lei nº 9.394/96, a função da universidade está no processo formativo educacional e suas concepções são definidas como: “Instituições pluridisciplinares de formação de quadros profissionais de nível superior, de pesquisa e extensão e de domínio e cultivo humano, no que se caracteriza por produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas relevantes, tanto do ponto científico e cultural, quanto regional e nacional” (Lei nº9. 394/96 art. 52, incisos I, II e III). Com a falta de apoio a universidade pública compromete então, a formação intensiva e dinâmica do indivíduo e sua formação por excelência nas universidades públicas brasileiras.

A universidade tem como função dar possibilidades ao acadêmico de ter a consciência clara, de conhecer o mundo e o nosso papel nele. Nesse sentido, a universidade concebe como um lugar para construção de valores e torna-se importante ao público. Como enfatiza Silva (2006), em Reflexões Sobre o Conceito e a Função da Universidade Pública, a dedicação exclusiva ao ensino e a pesquisa é fator predominante no aprimoramento das atividades nas melhores universidades públicas, visando à maior eficiência do trabalho universitário. Significa um investimento público na formação do acadêmico e do docente-pesquisador, a partir de uma visão ampla da relação entre ensino e pesquisa, pois está associada no núcleo do diário de excelência acadêmica. (SILVA. 2006,). O que resulta em um fator primordial, a autonomia acadêmica. Com os incentivos direcionados para as instituições de ensino superior privado cria-se, portanto, um novo panorama para as universidades públicas brasileiras.

2.1 – PANORAMAS DA UNIVERSIDADE CONTEMPORÂNEA

Nessa adequação da educação ao emergente, a visão de universidade torna-se possível através do conhecimento dos contextos sociais, e sua inserção nas instituições superiores. Do processo social de cada realidade que assume o seu empoderamento mediante as circunstâncias decorridas em uma sociedade. Nesse sentido, Silva nos adverte que, “se não compreendermos a experiência real pela qual a universidade se constituiu, não compreenderemos a nossa experiência de universidade” (SILVA. 2006 p 195). Pela história, observamos a perspectiva do progresso de um país emergente, e as adequações desse progresso nas universidades e nas instituições de ensino superior privados, e nos fez entender o atual panorama das nossas instituições de ensino superior no Brasil. As relações com a sociedade suprindo as necessidades de nosso tempo. O que temos é um processo histórico, do ensino superior no Brasil vinculado e adequado ao seu tempo, como um país emergente.

No contexto da contemporaneidade considerando os aspectos do progresso e os fatores externos, assumindo o papel de ensinar nas universidades contemporâneas, que passamos a analisar o atual panorama das universidades públicas no Brasil e compreender as concepções de ensino e educação,

apresentada na atualidade que, segundo Silva (2006), ao substituir a verdadeira função da universidade pelo imediatismo do progresso, as consequências do caráter efêmero que fazem parte dos interesses contemporâneos, que estão instalados nas universidades, “vão refletir na direção que os indivíduos são encorajados a cultivar, como forma indubitável de inserção ao meio social, o aprendizado pela habilidade profissional” (SILVA. 2006 195). Valores que são da prática da produção e do consumo que são consequências do processo proposto pela contemporaneidade nas universidades públicas.

Uma forte característica do nosso tempo, evidenciada em nossas universidades, é a apropriação do imediatismo externo e que estabelece a aproximação e o afastamento entre políticas organizacional do ensino superior e sua excelência. Ou seja, a formação cultural no Brasil contemporâneo, apóia-se em princípios de conhecimentos específicos que resulta em uma formação técnica, assim como as instituições privadas, necessários para a formação de mão de obras, de um país emergente, que vai basear sua educação em princípios pragmatistas.

Nesses princípios pragmatistas, onde se norteia por fatores externos, Silva (2006) considera que, resulta no desprezo e da indiferença no qual se inscreve o esquecimento da tradição. “Quando a universidade contemporânea se define pelas circunstâncias de seu tempo histórico: mercado, tecnociência, organização eficaz e tecnicismo produtivista” (SILVA. 2006. p.199). Ao que pressupõe o que temos hoje, o esquecimento e o abandono da educação tornando-se somente uma consideração a respeito do ideal de educação.

Nesse segmento pragmático, da formação contemporânea, Ramos (2011), em seu artigo, Formação Panorâmica Do Ensino Superior no Brasil, diz que, o que temos hoje, sobre universidade, é uma idéia da formação e das normas do ensino superior no Brasil, ao que se percebe a formação das mentalidades contemporâneas que conduziu a constituição do panorama atual. Assim sendo, “esse panorama da universidade contemporânea, está inserido em propostas pragmáticas que são contextos externos da nossa sociedade”. (RAMOS. 2011.p.1). Ao que se constata na fragmentação da educação contemporânea, pela força eficaz do tecnicismo produtivista, impondo o externo para dentro da universidade, que configura o abandono do perfil institucional em prol do perfil organizacional. Ou seja, no processo de desinstitucionalização, explica Silva (2006, p.199), se inscreve vários fatores presentes como: ‘heteronomia, a privatização e subordinação ao mercado’. A universidade contemporânea, como formadora de especialistas e habilidades.

Nessas circunstâncias da educação organizacional instalada nas universidades brasileiras, encontramos uma expansão do processo industrial, no que resulta em diversificação de valores, desarticulação do conhecimento pela fragmentação do conhecimento imposto pelo processo do imediatismo, o qual é uma característica primordial do contemporâneo, objetivado pelo processo educacional. É nesse sentido segundo Silva (2006), a razão pela qual se critica a universidade contemporânea por abrigar coisas “inúteis” tais como a Filosofia, as Letras Clássicas e os Estudos Literários e as áreas das Humanidades como a Sociologia, Antropologia, História. Essas disciplinas entram no rol dos ornamentos supérfluos. (SILVA. p, 199). Ou seja, insignificante para o imediatismo dos campos de conhecimento específico.

3 A PROPOSTA DA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA E OS CONTRAPONTO COM A FUNÇÃO DA EDUCAÇÃO

A consideração humanística proposta por Silva, nos leva a refletir sobre uma cultura conjurada nos dias atuais. Ou seja, procurar alhures, uma compreensão que nos permita uma visão ampla e fundamentada das inter-relações do imediatismo contemporâneo que, propõe uma educação pragmática, e os diversos campos do humanismo e sua influência para uma formação de cultura. Os humanistas acreditavam no ensino das Letras, da Retórica, da História, da Poética e por fim, a Filosofia. É por essa última, a filosofia, que encontramos o norte dado pelos gregos sobre a consciência da educação e sua manifestação no indivíduo.

Assim, recusando a opinião corrente, fomos buscar definições na filosofia clássica sobre a educação, e encontramos os contrapontos da educação contemporânea. Como por exemplo, o clássico, a Obra *Paidéia* de Jaeger (1966), que define a educação como 'o ideal da educação na Grécia.' (JAEGER. 1966, p 3) Ao contrário do que nos apresenta esse diagnóstico da educação progressista contemporânea, a filosofia nos ensina que, todo um povo que atinge um grau de desenvolvimento se sente naturalmente inclinado a prática da educação. Ou seja, na definição de educação dada pelos gregos clássicos, a educação é uma propriedade individual e que faz parte da comunidade, mas em "nenhuma parte o influxo da comunidade nos seus membros tem maior força que no esforço de educar em conformidade com cada nova geração". (JAEGER. 1966, p. 3). Ao que se percebe independente do grau de desenvolvimento de uma sociedade, a importância da investigação deve estar inserida na educação do indivíduo, para que tenha sua autonomia perante a sociedade.

Dessa forma, a ideia de educação para os gregos representava todo o esforço humano, fortalecendo nesse sentido, a ideia do esforço, da vontade, do talento para o estudo, que, segundo Jaeger (1966), "o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana". (JAEGER. 1966, p. 4). Ou seja, é a formação integral do ser humano, o que envolve aspectos dos valores internos e associação do externo. Dessa forma, estabelece valores sólidos.

Sobre esse ponto de vista, a fragilidade da educação especificada e imediatista, tratada nos cursos superiores na contemporaneidade, pode ser entendida, como uma mobilidade de segmento do progresso onde não constitui verdadeiramente o saber, ao que enfatiza Silva (2006), "a educação é atingida, na própria constituição de seu trabalho reflexivo, pela fragmentação crescente do conhecimento objetivo do mundo". (SILVA. 2006, p. 107). Dessa forma, contrapõe aos valores observados pela educação progressistas, o imediatismo, onde a formação de habilidades torna-se fator preponderante diante dos contextos atuais aos valores da educação formativa.

Ao inserir o imediatismo como função básica em nossas universidades contemporâneas, nega-se a autonomia do conhecimento. Como explicou o filósofo Nuccio Ordine, em uma palestra feita na Universidade de Caxias, (8 de março/2016), que, o saber e o ensino são uma forma de negação do pressuposto básico de toda transação comercial. Ou seja, para Ordine, a universidade é um lugar de resistência, onde deve tornar pessoas melhores e mais conscientes das próprias ações. Para o filósofo, a universidade não é empresa e os estudantes não são clientes. É preciso ensinar para uma visão humana, desvinculada das perspectivas mercantilistas limitadas e direcionadas exclusivamente para o mercado de trabalho. (R. UCS, Março/2016). Defendendo assim, uma formação clássica e humanista, capaz de

desenvolver o bem estar de todos. Como afirma o Jaeger (1966): “seja qual for o grau de desenvolvimento, se tem que regressar para encontrar orientação”. (Jaeger, p. 6). Sendo está à função da educação criando formas melhores da existência humana.

Nesse mesmo sentido, Arendt (1979), quando escreve a Crise na Educação em sua obra Entre o Passado e o Futuro, nega a autenticidade da educação em conformidade ao progresso encontrada nos tempos atuais. A filósofa faz sua analogia em relação à criança em sua formação. Para Arendt, a criança está em um estado de vir a ser, pois se encontra em um processo de formação. Arendt (1979) enfatiza que “a criança só é nova em relação a um mundo que já existia antes dela e que continuará após sua morte no qual transcorrerá sua vida”. (ARENDR. 1979 p. 235). A filósofa coloca em relevância a função da educação, que tenha a preservação do conhecimento, que não seja carregada somente pelo progresso, que são circunstâncias efêmeras apresentado pelo presente. Aos moldes contemporâneos, conhecemos a cultura por pedaços, dilacerada. Ou seja, a fragmentação da cultura da forma que ela acontece hoje.

Nesse aspecto, em que percebemos a importância da investigação desde os primeiros anos da escola, qual seriam o lugar e o sentido da universidade nos tempos atuais? Segundo as orientações dadas por Silva (2001), a universidade apesar de inserida no processo histórico, e do conhecimento específico, não pode deixar de refletir o estado atual do saber. Reflexões que contrapõem com as prioridades do progresso técnico - científico e a altura da civilização industrial. Adverte que o campo científico-tecnológico e o campo das Humanidades, não se processem uma relação de formação integral, pois são diferentes dimensões de experiência humana. Assim sendo, o filósofo, verifica-se esse “mal-estar da universidade em relação ao seu lugar e sentido”. (SILVA; 2001, p. 107). O diálogo entre filosofia e educação não prevalece diante dos aspectos imediatista da contemporaneidade.

Em tempos atuais, o lugar da universidade, ainda considera-se por meio político-institucional, mas que por falta de articulação nega-se o sentido de universidade que segundo o filósofo, poderia chamar de ‘enfraquecimento dos laços entre universidade e cultura’. (SILVA. 2001, p. 108). Nesse enfraquecimento podemos observar o distanciamento do pensamento reflexivo no âmbito educacional, mediante aspectos da expansão empresarial constatadas nas IESs privadas e nas universidades contemporâneas, no que resulta segundo Silva (2001), na “oscilação de valores, que estão explícitas no sujeito diante da sociedade”. (SILVA. 2001, p. 109). Contraponto assim, valores éticos do indivíduo em relação a sua vida pessoal a profissional. Pois, com efeito, verifica-se uma visão fragmentada não apenas do mundo, mas de si mesmo.

A educação não pode ser reprodução de conhecimento. Ou como pensar o certo? Não o certo no sentido universal, mas o indivíduo, diante de formas diferentes de informações, como apresenta Montaigne (1996), em uma analogia feita à criança e as abelhas em seu Ensaio Da Educação Das Crianças, onde enfatiza a necessidade da criança em saber assimilar e depois criar. Assim diz o filósofo: “As abelhas libam flores de toda espécie, mas depois fazem o mel que é unicamente seu (...). Da mesma forma, os elementos tirados de outrem, ele os terá de transformar e misturar para com eles fazer obra própria”. (MONTAIGNE. 1996, p. 152). Refletir sobre um problema, estudar significados, estabelecer relações com o passado e o presente, conhecer e aprender, para isso, é necessário ampliar contatos com a

leitura, ampliar atividades com a pesquisa, deixar transcender-se pelo universo, com as ideias e interpretações de outros para formar a sua autonomia.

Um das características da proposta da educação contemporânea, é a tecnologia de informações inseridas no campo da educação que, tem um impacto significativo na constante prática de informações fragmentadas, levando em consideração, as abordagens efêmeras como instrumento de comunicação e conhecimento. Nessas amostragens da informação do “aqui” e “agora”, nega a possibilidade de uma reflexão do “antes”, o que contém uma realidade, e o “agora” sob consequência dessa realidade. Não direciona nesse sentido, o homem com a sua própria realidade.

Outra característica proposta pela contemporaneidade em nossas IESs públicas e privada é o imediatismo. Negando a possibilidade de informações fora do contexto vivido. Existe na aproximação entre preservação e cultura também a preservação e cultivo dos entes culturais. Silva (2001) considera e coloca em relevância, a continuidade ativa das coisas que essencialmente retratam o interior do mundo humano. Nessa consideração, está presente a diferença entre o efêmero, proposto pela sociedade imediatista, e a cultura, que prevalece sobre continua mudança histórica que, embora se relacionem com o estágio de conhecimento de cada época, não podem ser superadas pelo progresso do conhecimento. Ou seja, ‘a crise da cultura é uma crise de durabilidades dos entes culturais’(SILVA. 2001 p.116). Ou, como pensar a educação diante de uma proposta progressista? A educação que, segundo os gregos, tem como um processo de construção consciente, o que pressupõe experiência, tempo e esforço.

Assim, a universidade, segundo Silva (2001), não pode ser tratada como um objeto porque sua inserção no mundo cultural está aquém da constituição da objetividade teórica. A universidade deve estar no plano do sujeito histórico e não no plano das consequências das determinações culturais da modernidade. Ao que conclui: “Por essa razão tal projeto só pode fundamentar-se numa visão crítica da cultura e numa recuperação da possibilidade de presentificar a significação da ideia originária da universidade” (SILVA; 2001 p. 117). . Ou seja, o norte dado a educação atual, não pode estar sujeita a aspectos saudosos do que foi a verdadeira função da educação.

Portanto, conceber o conhecimento de forma atemporal, concepções civilizatórias, aspectos culturais, éticos e valores humanos de cada geração, torna-se aspectos básicos da função e o lugar da universidade. A universidade não pode ser associada somente em aspectos efêmeros ou valores externos de uma sociedade em processo emergente determinados pelo mercado com prazo de validade. A universidade precisa atuar dentro e fora de seu tempo, preservando assim sua tradição.

4 METODOLOGIA

A temática explica os elementos necessários para a formação das instituições de ensino superior privadas no Brasil e sua conjuntura atual, suas exigências e seus novos desafios. Exigindo da educação uma postura sobre os impactos da capitalização. Através de pesquisas em referências bibliográficas, leituras analíticas de artigos e revistas digitais e livros relevantes ao tema, ficaram nítidas as exigências que transformaram e impulsionaram a educação superior nos dias atuais, dentre as quais se podem citar: a) pragmatismo, b) utilitarismo que são exigências fundamentais para a sustentação mercadológica. c) imediatismo

referente ao aspecto tecnicista. Nesse aspecto, ficam indubitáveis as modificações dos valores sobre o ensino superior

Nesse cenário de mudanças na educação superior no Brasil, é notória a substituição de uma educação formativa para uma educação tecnicista, e, principalmente no que se refere à formação profissional do professor. Questões estas, que estão na lógica de uma política produtivista que orientam desde a educação básica até o ensino superior.

Entretanto, torna-se importante observar, que nestas políticas econômicas sobre a educação, existe uma concordância relevante do governo brasileiro, pois, na medida em que o governo fortalece a expansão das instituições privadas, economiza na sustentação das instituições públicas. .

Assim para os dias atuais, entendemos que são necessárias as mudanças nas universidades, com mais investimento público como: no setor administrativo, na formação de professores, incentivo nas pesquisas e abertura de mais vagas para o estudante, exercendo de fato a democracia. Menos tecnicismo e mais conhecimento formativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na possibilidade de conhecer esses novos tempos na educação, enquanto profissionais de ensino, colocamos em questão a história da educação e sua contemporaneidade. Estabelecendo relação entre a educação e o progresso. Ao que observamos características enfáticas de um projeto educacional aos moldes pragmáticos. O saber e o habilitar.

Ao discorrer sobre a história, percebe-se que a democratização da educação brasileira contemporânea aparece aos moldes mercantilistas, num projeto de habilidades e técnicas do mercado de trabalho para suprir as necessidades de mão-de-obra de um país emergente. Colocando nessa perspectiva, a evidência relação entre a educação e o progresso, incentivada pelo sistema neoliberal e apoiada pelo setor público. Neste seguimento, desenvolve-se o interesse dos empresários na construção de Instituições de Ensino superiores privados, para adaptação dos alunos ao mercado de trabalho. Considerando dessa forma, um forte investimento na área empresarial e incentivada pelo governo. É nesse contexto que a educação passa a ser resignificada e apresenta um novo panorama das universidades brasileiras, sobre o empoderamento das circunstâncias externas inseridas no processo educacional. O mercantilismo torna-se visivelmente aceitável. Com a proposta das novas técnicas de ensino nas IESs, as universidades se restringem quanto a sua função e lugar nos dias atuais. Assim, nosso artigo nos conduziu à reflexão filosófica sobre a origem da educação, ao que nos direcionou aos contrapontos encontrados nos dias atuais.

Enquanto professores e mediadores entre as relações que o ser humano vem construindo com a realidade, consideramos necessário abordar esse discurso de teor ético, que tanto nos instiga as investigações sobre o que hoje denominamos identidades educacionais. Nele encontramos abordagens importantes de contextos da história da construção das IESs brasileiras, e temas que são objeto relevante na área de estudos da nossa contemporaneidade. Dessa forma, observando um novo perfil de comportamento do homem na sociedade contemporânea, nas relações do homem com o trabalho, do homem em sociedade, e sua nova forma de comunicar-se individual e coletivamente. Do que resulta em novos hábitos no conjunto das relações sociais.

Nós profissionais do ensino devemos refletir nesse mosaico de ideias inseridas no contexto histórico sobre a educação, considerando necessário abordar novamente tais informações sobre nossa identidade educacional, e a possibilidade de conhecer o novo, para que dessa forma, possamos encontrar novos parâmetros para nossa profissão.

Pois a partir de 1970 até os dias atuais, as considerações sobre a educação em nossas Instituições de Ensino Superior no Brasil estão inseridas em um processo de adaptação a novas técnicas. A criação de um novo sistema de ensino voltado para organizações empresariais. Uma proposta de educação tecnicista adaptada aos moldes do progresso a qual provoca uma corrente dualista de ideias entre o passado e o presente.

Portanto, ao descrever as origens da educação imediatista, procuramos encontrar na tradição a verossimilhança entre o velho e o novo, no que se refere à educação. Tornando mais nítido nosso julgamento e nossa crítica em relação à valorização da educação, do homem em sua singularidade para o respeito mútuo entre si.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANTES, Adriana Rocha Vilela. Artigo: Políticas e Organização do Ensino Superior. PUC/2006

JAERGER, Werner. Paidéia: A Formação do Homem Grego. Ed. Herder. 1966

LOPES E PALACIOS, Fernando José e Andre Luiz. Privatização do Ensino Superior no Brasil. Revista de Pós-graduação, SP, v.1. 09/2018. Disponível em: <HTTPS://WWW.fics.edu.br/index.php/rpgm/article/viw/771>

ORDINE, Nuccio. Universidade e Humanismo. RevistaUCS, ano 3, nº 19 Mar/Abr/20016, disponível em: <HTTPS://www.ucs.br/site/revista.../artigo-universidade-e-humanismo>

RAMOS, Fabio Pestana. História e Política Do Ensino Superior no Brasil. Para Entender a História. ISSN 2179-41 11 – Vol. 2. Serie. 14/03. Disponível em: <fabiopestanaramos.blogspot.com/.../historia-e-politica-do-ensino-superior.html>

SILVA, Franklin Leopoldo. Art. Universidade: A IDEIA E A HISTÓRIA. Estudos Avançados 20 (56),2006

VIEIRA, Luiz Renato. Art. A Expansão do Ensino Superior no Brasil. Disponível em;Educa. fcc.org.br/pdf/anal/vol. 08